Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

PENSAR SOBRE O LUGAR COM OS ANOS INICIAIS: possibilidades a partir de fotografias em livros didáticos de Geografia

Marieli Maria Pauli
marielimaria.ps@gmail.com

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6597-651X

Flaviana Gasparotti Nunes
flaviananunes@ufgd.edu.br

Doutora em Geografia e docente do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7512-453X

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as potencialidades das imagens fotográficas presentes em livros didáticos de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental para trabalhar o conceito de lugar, tendo em vista que, dentre outros, esse é um dos conceitos centrais na educação geográfica escolar, sobretudo nessa primeira etapa. Para tanto, analisamos quatro conjuntos de fotografias presentes nos livros didáticos de Geografia do 1° e 2° ano da coleção Ápis, aprovada no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2019 e que é utilizada nas escolas municipais de Dourados-MS, identificando limites e possibilidades para trabalhar esse conceito a partir delas. Foram selecionadas fotografias que compareciam em unidades e capítulos cujo objetivo era trabalhar o conceito de lugar. Observamos que as fotografias aparecem como uma forma de ilustrar o tema, comprovar o texto escrito e exemplificar o que está sendo abordado sobre lugar, e que, o entendimento do lugar a partir delas pode ficar limitado ao seu caráter físico, enquanto um ponto a ser localizado no espaço e no mapa. Dessa forma, identificou-se a necessidade de problematizar essas fotografias presentes no contexto escolar de modo a promover discussões sobre o lugar, entendendo-as como criadoras de pensamento e imaginações geográficas.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografias, Livros didáticos, Anos iniciais, Conceito de lugar.

THINKING ABOUT THE PLACE: possibilities from photographs in Geography textbooks

ABSTRACT

This article aims to analyze the potential of photographic images present in geography textbooks for the early years of the elementary school to work on the concept of place, considering that, among others, this is one of the core concepts in school geographic education, especially in this first stage. For this purpose, four sets of photographs we analyzed photographs present in geography textbooks of the 1st and 2nd year of the Apis collection, approved in the National Book and Didactic Material Program (PNLD) of 2019 and which is used in municipal schools of Dourados-MS identifying limits and possibilities to work with this concept from them. Photographs that appeared in units and chapters whose objective were to work on the concept of place were selected. From this, we observe that the photographs appear as a way of illustrating the theme, confirming the written text and exemplifying what is being addressed about place, and that understanding of the place from them can be limited to its physical character, as a point to be located on the space and on the map. Therefore, it was identified the need to problematize these photographs present in the school context in order to promote discussions about the place, understanding them as creators of geographical thoughts and imaginations.

KEYWORDS

Photographs, Didactic books, Early years, Concept of place.

Introdução

O mundo em que vivemos e que constituímos cotidianamente é marcado, dentre outras coisas, por diversas vivências, movimentos, diferenças e possibilidades. Um mundo em que, a cada instante, novas informações em diferentes formatos são produzidas e reproduzidas. Para além da linguagem escrita clássica, as informações podem chegar a nós por meio de outras linguagens, dentre as quais, destacamos a linguagem imagética, expressivamente presente em nossos cotidianos.

Mais do que informações ou ilustrações aleatórias que estão espalhadas em diversos meios nos quais circulam essas informações, as imagens representam uma parte importante dos saberes produzidos sobre o mundo em que vivemos. Nessa direção, Massey (2017, p. 37) afirma que "muito da nossa 'geografia' está na mente. Ou seja, nós carregamos conosco imagens mentais do mundo, do país em que vivemos [...], da rua ao lado".

Nessa perspectiva, podemos registrar o mundo em nossa mente a partir daquilo que vemos nos lugares, estando fisicamente presente neles ou aqueles que chegam a nós

apenas por meio das fotografias de lugares produzidas por outra pessoa ou grupo social e reproduzidas pelos mais diversos meios de comunicação: escritos (impressos ou virtuais), audiovisuais, mídias sociais etc. Assim, mesmo lugares em que nunca estivemos, podem ficar registrados em nossa mente tal qual foi reproduzido em uma fotografia.

De acordo com Oliveira Jr. (2019) as fotografias que são constituídas em torno dos lugares do mundo podem influenciar nosso modo de conhecê-los. O autor argumenta que "os lugares geográficos são, eles próprios, produtos narrativos, que se constituem tanto daquilo que se manifesta física e socialmente neles quanto dos discursos e falas que se dobram sobre eles" (OLIVEIRA JR., 2019, p.10).

Para Hollman (2020), as fotografias são imagens que atravessam o nosso cotidiano, que marcam nossas práticas, relações, experiências e aprendizagens sobre e com o mundo. Com avanços como a instantaneidade os diversos processos que envolvem a produção e divulgação das fotografias tornaram-se mais rápidos e mais acessíveis a um quantitativo maior de pessoas, sobretudo por meio de câmeras fotográficas disponíveis em celulares. A fotografia torna-se assim, um modo usual pelo qual registramos muito, se não tudo, o que acontece em nossa vida: situações, fatos, lugares etc.

No contexto escolar, as fotografias estão presentes, sobretudo, por meio dos livros didáticos, nos quais, em grande parte, elas se destacam em relação a outros tipos de imagens. Portanto, na educação geográfica, as fotografias são importantes potencializadoras de informações e conhecimentos acerca dos diversos lugares do mundo e, com sua presença expressiva nos mais diversos espaços e contextos do nosso cotidiano, podem participar da nossa leitura e concepção de mundo (OLIVEIRA JR., 2019; DESIDÉRIO; TONINI, 2018).

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo discutir sobre as potencialidades das fotografias presentes em livros didáticos de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental na construção de concepções de lugar pelos estudantes desta etapa de ensino, com vistas a evidenciar limites e possibilidades para trabalhar o conceito de lugar a partir delas. Para tanto, foram analisadas fotografias presentes nos livros do 1º e 2º ano de uma das coleções de Geografia referente ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2019 e que atualmente é utilizada em escolas da rede municipal de Dourados-MS.

Dessa forma, o texto divide-se em duas partes. Na primeira parte do texto apresentamos discussões sobre a educação geográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase à importância do conceito de lugar a partir das contribuições

de Doreen Massey (2008; 2017). Além disso, destacamos discussões sobre a possibilidade de participação das fotografias, sobretudo àquelas presentes em livros didáticos, na constituição de imaginações, pensamentos e conhecimentos geográficos pelos estudantes, sobretudo, em relação ao conceito de lugar. Na segunda parte, apresentamos algumas das fotografias identificadas nesta pesquisa e as análises realizadas sobre elas e que podem ser pensadas como possibilidades para trabalhar o conceito de lugar com os estudantes.

A educação geográfica e as fotografias em livros didáticos: estabelecendo diálogos

A Geografia escolar tem como objeto de estudos o espaço e todas as relações que ocorrem nele, que o formam e transformam nos diferentes tempos e sociedades. Por meio do seu estudo, é possível conhecer e compreender o mundo em que vivemos, considerando os fenômenos próximos e distantes, que podem estar presentes em nossa vida, direta ou indiretamente (CALLAI; CAVALCANTI; CASTELLAR, 2012). Desta maneira, a educação geográfica precisa ser desenvolvida de modo que conhecimentos proporcionados contribuam para a formação de sujeitos capazes de pensar e compreender os lugares e o mundo em que vivem em seus aspectos diversos.

Para Cavalcanti (2019) o propósito central do ensino de Geografia na escola é ensinar os estudantes a pensar geograficamente o mundo por meio dos temas abordados, que contemplam fatos, fenômenos, acontecimentos e informações sobre os diversos lugares do mundo. A autora explica que:

> o pensamento geográfico é a capacidade geral de realizar a análise geográfica de fatos ou fenômenos. [...] o raciocínio geográfico é um modo de operar com esse pensamento. São raciocínios específicos articulados pelo pensamento geográfico (p. 64).

Nessa direção, Massey (2017) destaca que o pensar geograficamente requer o reconhecimento das potencialidades dos conhecimentos da Geografia, sobretudo de ajudar a entender o mundo em toda a sua complexidade e contradições, de compreender as geografias que o constroem e as que poderiam reconstruí-lo de modo mais igualitário. A Geografia pode nos ajudar a conhecer e compreender o mundo em que vivemos. Assim, ao discutir sobre a importância da Geografia na educação escolar, a autora traz algumas reflexões importantes para a prática docente:

> a) A Geografia pode ajudar os jovens a explorar a natureza controversa do mundo. [...] b) Grande parte da nossa "geografia" está na mente- nas imagens mentais que levamos carregamos do e sobre o mundo. [...] c) A Geografia deveria ajudar aos alunos a explorarem como os lugares são complexos e variados (MASSEY, 2017, p. 40).

De modo semelhante, Cavalcanti (2019) argumenta que se o estudante é capaz de levantar questões sobre os acontecimentos que observa, ele está sendo mobilizado pelo pensamento geográfico, e articulados a esse pensamento, estão os raciocínios específicos que operam na elaboração de respostas para tais questões. O resultado desse processo é a produção de conhecimentos geográficos que ajudam a sociedade como um todo. Ajudam as pessoas a resolverem problemas do seu cotidiano e a compreenderem melhor o mundo em que vivem. Desta maneira, a autora defende que "a meta para o ensino de Geografia é o desenvolvimento desse pensamento" (CAVALCANTI, 2019, p. 81).

Dessa forma, destaca-se o conceito de lugar visto que ele é muito importante na Geografia escolar, sobretudo, nos anos iniciais que inauguram, de forma mais sistematizada, os estudos geográficos a partir dos lugares de vivência e mais próximos aos estudantes e aos poucos ampliam para outros lugares, incluindo os mais distantes. De modo complementar, os livros didáticos de Geografia analisados nesta pesquisa, apontam que o estudo do lugar inicia a partir dos lugares de vivência dos estudantes e destacam: a moradia, a rua, a escola, a praça e o bairro; para representar esses lugares.

De acordo com Callai, Cavalcanti e Castellar (2012), na Geografia escolar o estudo do lugar deve considerar a realidade do estudante. Assim, ele pode "conhecer de modo mais sistemático o lugar em que vive e relacionar com outros, construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para a sua vida" (p. 87).

Nesse contexto, ressaltamos que as concepções de lugar que orientaram a análise das fotografias aqui apresentadas estão fundamentadas nas ideias de Massey (2008; 2017).

Para Massey (2008), frequentemente, as imaginações sobre o lugar estão associadas às ideias de lugar como um ponto fixo, delimitado e localizável, e nessa perspectiva é visto como algo fechado e externo ao espaço. Entretanto, conforme é alertado pela autora, a noção de lugar como algo delimitado e acabado, ignora as múltiplas trajetórias que já coexistiram, as que ainda coexistem no lugar e as que podem vir a (co) existir. Assim, é necessário considerar que a identidade do lugar não é única e não se dá por exclusivismo, mas pelo encontro de múltiplas trajetórias e estórias-até-agora (MASSEY, 2008).

De modo semelhante, Oliveira Júnior argumenta que os diálogos em torno do conceito de lugar são permeados por tensões, disputas e discursos oriundos de diversos grupos sociais. Para ele, "a construção da ideia e da imagem de um lugar é resultante de inúmeras práticas sociais e discursivas que nele se desenvolvem ou a ele se referem. Cada indivíduo e cada grupo social cria uma versão de um lugar". E, de modo particular, com relação ao lugar em que vivemos, por exemplo, o autor complementa afirmando que este "[...] é permeado de versões as mais distintas ou semelhantes, normalmente sintonizadas às distinções e semelhanças das práticas sociais ali vivenciadas ou sofridas" (OLIVEIRA JÚNIOR, [s.d], p. 2).

Dessa forma, Massey (2008) argumenta que, mais do que um ponto físico estático a ser localizado no espaço e no mapa, o lugar é constituído por simultaneidade de estórias-até-agora, por múltiplas trajetórias, encontros e não encontros coetâneos, e assim como o espaço, está sempre em movimento, em constante construção e aberto a novas possibilidades, novas trajetórias, encontros e conexões. De modo complementar, a autora propõe, ainda, que pensemos nos lugares como:

> lugares de encontro de diferentes pessoas, diferentes grupos, diferentes etnias. Em termos humanos, eles são o emaranhamento, a reunião de diferentes histórias, muitas delas sem qualquer ligação anterior com as outras (MASSEY, 2017, p. 39).

Para compreender o lugar em que vive, o estudante precisa ser estimulado a olhar e ler esse lugar, pensar sobre a história dele, partindo de questões iniciais: como se caracteriza o lugar em que vive e outros lugares que frequenta, que objetos fazem parte desses lugares, que pessoas fazem parte deste lugar, sejam do seu grupo de convívio ou não, bem como a relação que ele estabelece com esses lugares, objetos e pessoas e as relações com outros lugares do mundo. A leitura do lugar é mediada, também, pelas particularidades e experiências dos estudantes e pode ajudá-los a compreender o mundo e o seu envolvimento com ele.

Assim, ao praticar a leitura do seu lugar, a criança torna-se capaz de conhecer outros lugares pelo espaço, próximos ou distantes do seu e compreender as relações que existem entre os diversos lugares do mundo. E deste modo, podem ser trilhados outros caminhos para ler o espaço e para compreendê-lo, desde o mundo próximo ao mais distante, o próprio cotidiano e o de outras pessoas em outros lugares.

Nesse sentido, assim como outras imagens, as fotografias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano em diversos contextos e, com isso, podem desempenhar

um papel significativo na educação geográfica dos estudantes, como por exemplo, auxiliar a leitura de seus lugares de vida e sua compreensão de mundo, participar de suas experiências e, consequentemente, de sua educação, da construção dos seus conhecimentos, pensamentos e imaginações geográficas.

Nesse sentido, Oliveira Júnior discute sobre a participação das imagens tanto na constituição das nossas concepções sobre o conceito de lugar e sobre os lugares do mundo como também nas nossas relações e atuações nesses lugares. Em sua argumentação ele sugere que:

> Um lugar não nos chega pronto, não tem existência por si mesmo, mas vamos construindo nossas imagens e nossas ideias acerca deste lugar e é com elas que nós o pensamos e nele agimos. É, em grande medida, a partir das ideias e imagens que temos dos diversos lugares que construímos o conceito de lugar (OLIVEIRA JÚNIOR, [s.d], p. 2).

De modo complementar, Desidério (2018) argumenta que as fotografias também podem nos levar a conhecer os lugares ainda desconhecidos nos quais nunca estivemos fisicamente presentes e que elas poderão definir como pensamos esses lugares.

> Ao sermos atravessados pelas fotografias presentes no cotidiano, inventamos modos de aprender e conhecer sobre os lugares do mundo que não podemos ver ou experimentar com nossos próprios corpos. As fotografias são capazes de criar verdades e realidades sobre os lugares, de participar da construção de nossa imaginação do mundo contemporâneo, e, portanto, interferirem na maneira como pensamos o espaço (DESIDÉRIO, 2018, p. 9).

Desta maneira, considerando a importância do conceito de lugar na Geografia escolar e a participação das fotografias, expressivamente presentes em livros didáticos de Geografia, não apenas na construção desse conceito como também na construção de conhecimentos e imaginações geográficas sobre o mundo pelos estudantes, é necessário compreendermos de que modo se dá a presença de fotografias nesses materiais.

De forma geral, as fotografias em livros didáticos associadas e limitadas a desempenhar funções como: ilustrar, informar e confirmar o conteúdo/tema que está sendo abordado. E, com frequência, são reduzidas a ferramentas ou recursos didáticos que ao desempenhar as funções mencionadas auxiliam os docentes em suas práticas ao expor, representar e fixar os conteúdos além de tornar as aulas mais atrativas.

De acordo com Tonini (2013) as imagens registradas nos livros didáticos que circulam pelas escolas, não só carregam o conhecimento geográfico, como também constituem, mantém e perpetuam formas de significações sobre as coisas do mundo. Além disso, a autora argumenta que essas imagens são muito importantes para a

educação dos estudantes e, por isso, aponta que é necessário conferir olhares mais atentos a elas, visto que:

> [...] podem ser, para a maioria dos alunos, seus primeiros contatos com aquele espaço geográfico, com aquela identidade. Mas serão as que ficarão como primeiras memorias visuais dos alunos quando são acionadas para dar significados a outras que virão (TONINI, 2013, p. 190).

Conforme é evidenciado por Desidério (2018), as fotografias são inseridas nos livros didáticos e aprisionadas ao objetivo de ilustrar, comunicar/informar e representar, com a intenção de nos fazer apreender e carregar em nossa mente, o mundo e os lugares exatamente do modo como elas nos mostram, ainda que, muitas vezes, a produção dessas fotografias não considere as heterogeneidades que diferenciam os lugares e as multiplicidades de trajetórias e estórias dos lugares. E desse modo, acabam criando ou reproduzindo certos estereótipos ou concepções sobre os lugares que visam representar por meio das fotografias.

De acordo com Oliveira Jr. e Girardi (2011, p. 5), o caráter de testemunho da realidade das fotografias é o motivo pelo qual elas se destacam nos livros didáticos, em relação a outras imagens. Por sua capacidade de provar visualmente a existência do que elas estão mostrando, sejam lugares ou fenômenos, e dessa forma, esses materiais "nos educam para ver as fotos como provas visuais, evidências críveis em si mesmas". Para os autores, os livros e também outros materiais didáticos, contribuem para a afirmação das fotografias como provas reais da existência do que elas representam.

De modo complementar, Oliveira Jr. e Soares (2012, p. 114), discutem sobre o caráter documental dessas fotografias nos livros didáticos de Geografia que "nos aparecem como evidências daquilo que nos trazem à vista" e destacam a sua influência no modo como olhamos para essas fotografias. Nas palavras dos autores, é olhar "de mero relance, apenas para saber o que há [...] no lugar indicado na legenda ou como prova de algum assunto que está sendo apresentado no texto escrito do livro".

Entretanto, é necessário afirmar que, para além do seu caráter documental, ilustrativo e representativo aos quais estão submetidas nos materiais didáticos, o trabalho com as fotografias pode revelar outras potencialidades e nos permitir pensar o mundo e as relações que nele ocorrem, de outras formas e/ou ampliar os conhecimentos e pensamentos já constituídos.

Para Massey (2017), as imagens que estão em nossa mente constituem as nossas imaginações geográficas e moldam o modo como vemos e pensamos sobre e no mundo.

E por isso é fundamental questionarmos essas imaginações e as imagens que as constroem evidenciando a possibilidade de auxiliar os estudantes na construção, desconstrução e/ou reconstrução dessas e outras imaginações geográficas.

Se nossas imaginações e o nosso pensar geograficamente não estão considerando as heterogeneidades, a existência de outras pessoas (e lugares) com suas próprias (e diferentes) narrativas e trajetórias que coexistem simultaneamente no espaço e nos lugares, então, esse pensamento não está sendo honesto com o mundo como ele de fato é, e daí a importância de questionarmos essas imaginações, de problematizarmos as fotografias presentes nos livros didáticos que participam de tal constituição.

Nesse sentido, acreditamos que ao trabalhar com as fotografias é importante ir além de descrições sobre o que ela mostra e ampliar sua inclusão nas práticas de ensino. Problematizações, questionamentos e outros exercícios são exemplos de abordagens que podem tirá-las da fixidez à qual foram submetidas nos livros didáticos e possibilitar aos estudantes outros olhares, leituras, pensamentos e imaginações geográficas sobre os lugares em que vivem e outros, considerando não apenas os aspectos físicos, mas também as vidas humanas e não-humanas (MASSEY, 2008) que movimentam, fazem e refazem esses lugares.

Assim, neste trabalho, as fotografias foram analisadas de modo a perceber qual é a ideia de lugar que já está sendo abordada nos livros e, para além disso, problematiza-las com vistas a possibilitar outros sentidos de lugar, uma vez que, outros pensamentos podem ser criados ou acionados pelos estudantes a partir da discussão dessas fotografias. Entendemos que as fotografias e os pensamentos em torno delas, podem participar da construção de ideias de lugar próprias dos estudantes, e da compreensão do mundo em que vivem, do seu lugar de vivência e de outros, a partir da sua realidade.

O conceito de lugar em fotografias em livros didáticos: diálogos possíveis

Neste texto, apresentaremos algumas análises de fotografias identificadas nos livros de Geografia para o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da coleção Ápis (editora Ática) e de autoria de Maria Elena Simielli. Ressaltamos que a referida coleção é uma das aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2019 e atualmente é utilizada nas escolas municipais de Dourados-MS.

Observamos que, de um modo geral, esses livros trazem diversas fotografias e, em relação ao conceito de lugar, há um destaque para os lugares de vivência, apresentando

como exemplos desses lugares a família, a moradia, a rua, a praça e a escola. De modo complementar, os livros indicam que além dos lugares de vivência existem outros lugares em que podemos ir e que, alguns, podem até se tornar pontos de referência para as pessoas.

Para este trabalho, selecionamos quatro conjuntos de fotografias que apresentam diferentes temas relacionados ao conceito de lugar: lugares de vivências do cotidiano das pessoas sendo a família e a moradia dois exemplos; e fotografias de outros exemplos de lugares que, embora ainda desconhecidos ou visitados com menos frequência podem fazer parte da vida das pessoas.

Todas as fotografias aqui apresentadas foram selecionadas para análise porque aparecem junto a discussões sobre o lugar e em unidades dos livros que tem por objetivo trabalhar esse conceito. Além disso, as fotografias aparecem no livro reunidas em conjuntos, conforme apresentado neste texto.

As fotografias da figura 1 aparecem junto ao tema família e apresentam as diferentes composições familiares que existem.



Figura 1: Lugar de vida: família.
Fonte: SIMIELLI, 2017a, p. 12.

A partir de discussões em torno dessas fotografias é possível ampliar as ideias sobre o tema e evidenciar a importância das relações sociais para a constituição dos lugares. Ao desempenhar suas atividades diárias, semanais ou de longo prazo nos diversos lugares por onde circulam, estão produzindo trajetórias e transformando esses lugares.

Com base em diálogos com Massey (2008) podemos afirmar que estas fotografias também possibilitam ampliar a ideia de lugar. Ao discutir sobre o viver em família como um lugar em que desenvolvemos muitas relações, amplia-se o sentido de lugar, sugerindo que, a partir do contato com e entre as pessoas do círculo familiar e outros grupos, as crianças passam a compreender e constituir os próprios sentidos de lugar. Assim, a família pode ser compreendida como um desses lugares de possíveis encontros com outras pessoas e outros lugares. Podemos, ainda, entender a família e/ou outros grupos de convívio como um lugar substancial, a partir do qual as crianças têm suas primeiras experiências com o mundo, lugares, humanos ou não-humanos etc.

Também é fundamental compreender que, o sentido de lugar pode ser diferente entre as pessoas. Então, determinado lugar pode ser julgado como um bom lugar de viver para alguns, mas para outros não, pois cada pessoa pode experienciar os lugares e situações de modo particular e muito diferente de outra pessoa. Então, um outro aspecto que pode ser discutido com os estudantes, ao mencionar a família como um lugar de vivência, é fato de existirem diversas situações de convívio familiar, e dentre elas, considerar também as situações mais adversas, como por exemplo, crianças que sofrem violência ou aquelas que vivem em lares temporários. Dessa forma, é importante relativizar a ideia da família como um lugar de vivência de todos, pois, ao mesmo tempo que, a família pode se caracterizar como um lugar de vida bom para determinadas pessoas, pode ser para outras um lugar de vivências mais negativas.

As fotografias da figura 2 mostram diferentes tipos de moradias e no texto que as acompanha há um destaque para o fato de serem construídas com diferentes tipos de materiais e localizadas em diferentes ambientes e regiões do país. No texto que antecede essas fotografias, Simielli (2017a, p. 20) introduz o tema moradia e sobre isso afirma: “Nossa moradia nos dá abrigo. Nela convivemos com nossos familiares e amigos”.



Figura 2: Lugar de vida: moradia.
Fonte: SIMIELLI, 2017a, p.20.

O primeiro aspecto que nos chama atenção ao olharmos para essas fotografias e que pode ser discutido com os estudantes, é que, apesar da diversidade de moradias apresentadas, em meio a tantos tipos diferentes de moradia, não há fotografia de moradia em aldeia indígena ou em comunidades periféricas, por exemplo. Assim, pessoas que vivem nesses lugares, não se sentem representadas no material.

O segundo aspecto observado, é que as fotografias aparecem no livro para ilustrar o tema moradia, que é abordada na fotografia como uma construção com determinadas características e localizada em determinado lugar. O foco está na ideia da moradia como objeto para habitar. E olhar para essas fotografias de forma superficial e rápida, apenas para descrever o que ela mostra, sem fazer outras discussões, pode fazer com que o sentido de lugar fique restrito ao seu caráter físico que não considera a relevância dos aspectos sociais, por exemplo.

Assim, para ampliar as discussões podemos pensar sobre outros elementos que compõem esse lugar chamado moradia, pensar sobre as vidas, humanas e outras, que por

ali circulam, permanecem, que movimentam, e que, a partir das vivências cotidianas também contribuem para a constituição de cada lugar.

Nesse sentido, discussões em torno dessas fotografias podem evidenciar as possíveis relações sociais em torno desse lugar e movimentá-las para que elas contribuam para a construção das noções de lugares próprias dos estudantes e para que eles ampliem os seus pensamentos sobre a moradia e outros lugares.

Essas discussões podem ser construídas a partir de questionamentos para as fotografias e que vão além de meras descrições sobre o que já é visível. Por exemplo: Quem faz ser esse um lugar? Quais as trajetórias e quantos encontros e desencontros ocorrem a curto ou longo prazo nesse lugar? Quem habita esses lugares? O que fazemos nesses lugares além de habitar?

Ainda a partir dos apontamentos feitos por Massey (2008) sobre o lugar, podemos compreender que o lugar pode ser a casa e o bairro em que moramos, mas também pode ser aquele em que estamos com menos frequência, onde passamos um final de semana ou as férias, por exemplo. Lugares que nos proporcionam lazer e, com isso, viver e encontrar múltiplas trajetórias e histórias e também evocar memórias que fazem parte desse lugar.

De modo semelhante, Simielli (2017b) aponta que os lugares não se limitam às nossas vivências cotidianas. Além da moradia, da escola e da rua em que vivemos existem diversos outros lugares que podemos conhecer em razão de diferentes atividades. Essa ideia pode ser evidenciada nas figuras 3 e 4.

A figura 3 apresenta fotografias de lugares localizados em diferentes regiões do Brasil: uma praia, um estádio de futebol, uma biblioteca de escola e uma praça. São exemplos de outros lugares que podemos frequentar apesar de não fazerem parte do cotidiano e que podem ser lugares que ainda não conhecemos (SIMIELLI, 2017b).



Figura 3: Outros lugares I.
Fonte: SIMIELLI, 2017b, p. 107.

Os lugares mostrados nas fotografias apresentam características particulares que os tornam distintos um do outro. Por outro lado, há um ponto em comum em todos esses lugares: a possibilidade do encontro de pessoas que interagem entre si e com o próprio lugar. Todas as fotografias apresentam exemplos de lugares que podem ser frequentados pelas pessoas no dia a dia ou não, e que, em alguns casos, podem ser lugares de vida assim como a moradia, a depender do significado que cada um pode atribuir aos distintos lugares.

Podemos observar que são lugares em que, via de regra, ocorre a reunião de mais pessoas. Não são lugares de natureza individual, como uma casa, por exemplo, são lugares marcados pelo coletivo, por encontros de diferentes grupos sociais. As relações entre as diferentes pessoas e grupos sociais, trajetórias e histórias, que transitam por esses lugares, pelos mais diversos motivos, caracteriza-os como lugares de encontros possíveis (MASSEY, 2008).

Podemos pensar a partir dessa mesma perspectiva, a possibilidade de encontros, sobre os lugares apresentados na figura 4 que apresenta fotografias de outros lugares com diferentes características físicas em nosso país e com a presença de pessoas. Ao observar essas fotografias podemos pensar sobre a importância das relações que estabelecemos com os diferentes lugares ao desenvolver diversas atividades neles. Nesse caso, as crianças que ali se encontraram interagem com outras pessoas e também com os lugares por meio de brincadeiras.

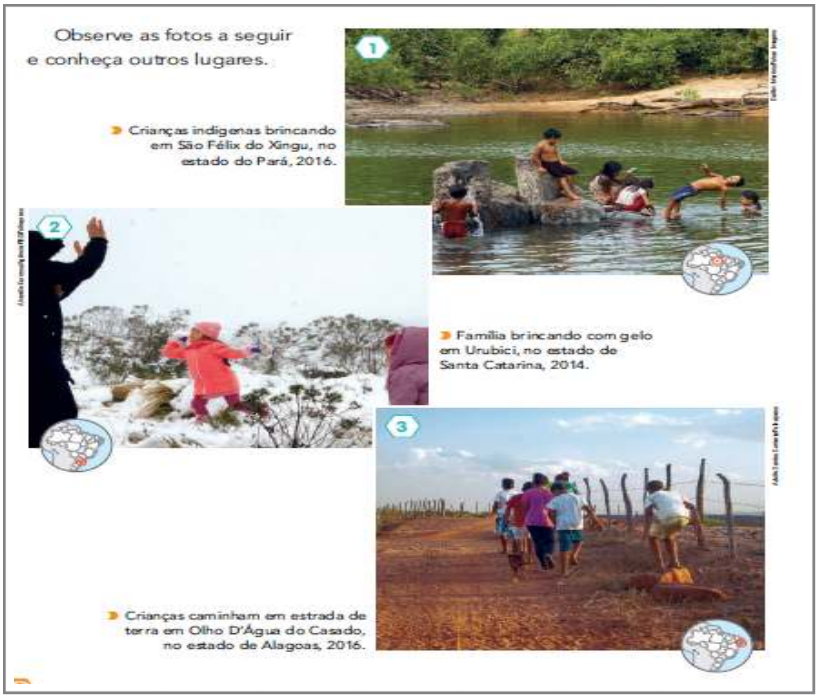


Figura 4: Outros lugares II.
Fonte: SIMIELLI, 2017b, p. 110.

Embora as discussões sugeridas no livro didático, com relação a essas fotografias, estejam limitadas à descrição de características físicas desses lugares, é possível ampliar o olhar e incluir os aspectos sociais nas discussões sobre o lugar. Olhar para as crianças que estão presentes e perceber a participação delas na constituição desses lugares de diferentes formas, por meio da brincadeira, da caminhada e passeio, ou ainda, a exemplo da fotografia anterior (figura 3) que mostra crianças lendo em uma biblioteca e ao lerem as diversas histórias presentes nos livros podem constituir pensamentos sobre os lugares do mundo.

A partir destas fotografias, também é possível ampliar as discussões sobre a ideia de lugar, evidenciando que, lugar de vivência não é apenas a moradia (reduzida à sua estrutura externa), a escola (reduzida ao prédio, a fachada e a sala de aula) etc. São também os diversos lugares por onde circulam e fazem uma parada; onde convivem com os outros humanos e não humanos desempenhando diversas atividades, compartilhando ideias, percepções, pensamentos e momentos etc.

A vida acontece em diferentes lugares, sejam eles frequentados no cotidiano ou não, e eles podem assumir diversas funções conforme o uso que deles fazemos: moradia, trabalho, estudos, diversão, consumos e outros serviços. Além disso, podem tornar-se

lugares ou pontos de referência que auxiliam na localização dos lugares e também a nos localizarmos neles.

A partir das análises realizadas observamos que a problematização das fotografias possibilita diversas discussões sobre a ideia de lugar e ampliar os pensamentos sobre esse conceito e também sobre os lugares, sejam os lugares em que vivemos ou aqueles pelos quais passamos ou paramos a curto ou longo prazo. Assim, mais do que olhar de relance para as fotografias que comparecem nos livros didáticos para ilustrar os conteúdos, é importante olhá-las com mais atenção e discutir sobre elas e a partir delas. E levantar questões para e sobre elas ou, ainda, a partir delas, é uma maneira de fazer isso com a participação dos estudantes nas discussões.

Desse modo, ao mesmo tempo em que as fotografias podem participar da construção de ideias capazes de impactar o entendimento dos estudantes ao naturalizar e atribuir significados diversos sobre o mundo, por outro lado, ao serem problematizadas, elas também podem auxiliar na desconstrução e na reconstrução de ideias, imaginações e pensamentos sobre o mesmo.

Considerações finais

Os livros didáticos analisados contêm diversas fotografias, mas foi possível constatar que, em grande parte, elas estão sendo utilizadas como ilustração para o texto, aparecendo, sobretudo, para exemplificar ou comprovar o que está sendo abordado no texto. Além disso, verificamos a repetição de determinados elementos para representar o que seriam lugares de vivência: moradias, ruas, bairros e a maioria delas privilegia os aspectos físicos dos lugares, o que pode contribuir para criar certas concepções de lugares em que as características físicas ou materiais sejam compreendidas como os únicos determinantes para que sejam considerados lugares, desconsiderando as relações sociais e as vivências que ocorrem ali e que são fundamentais para a construção dos lugares.

Se nas práticas educativas que desenvolvemos, as fotografias permanecerem ligadas a determinadas funções como: complemento dos temas abordados, provas da realidade, confirmação e ilustração de informações e conhecimentos, e mostrando determinados padrões do que seriam os lugares, elas apenas contribuem para a reprodução e ratificação de entendimentos e sentidos únicos sobre os lugares e sobre o mundo, criando pensamentos genéricos sobre os diversos lugares. Concepções

hegemônicas que restringem sentidos e entendimentos e ignoram as heterogeneidades que compõem os lugares e a existências das múltiplas trajetórias, vivências e suas histórias.

Entretanto, ainda que as fotografias compareçam nos livros didáticos, sobretudo, para ilustrar o tema, elas podem ser movimentadas desse sentido fixo ao viabilizarmos outras formas de abordá-las nessas práticas: realizar perguntas para elas, criar histórias sobre elas e realizar discussões a partir delas junto aos estudantes. As fotografias precisam ser mobilizadas com vistas a ampliação das suas potencialidades na educação geográfica, de modo geral, e, de modo particular, no entendimento e construção do conceito de lugar, promovendo outras leituras, pensamentos e imaginações sobre o mundo, que não são abordadas pelos livros didáticos.

A concepção de lugar proposta pelo livro didático e expressa também nas fotografias precisa e pode ser ampliada, pois, o lugar é isso que ele traz sim, mas não é apenas isso, é necessário pensar também sobre os sujeitos envolvidos com e na constituição desses lugares, quem faz ser e quem vive esses lugares e, a partir disso, possibilitar que os estudantes pensem nos sujeitos dos próprios lugares de vida e de outros lugares. A moradia não é apenas o habitar; a escola não é apenas a sala de aula e o aprender; a rua não é apenas o transitar etc. Existem múltiplas e diversas experiências relacionadas a esses lugares e a outros tantos lugares em que a vida acontece, que não estão sendo contemplados pelos livros didáticos, mas que podem ser contemplados nas práticas escolares e nas discussões sobre os lugares de modo a contemplar, também, a vida cotidiana, as experiências e entendimentos dos estudantes.

Enfim, é importante compreendermos que as fotografias presentes nos livros didáticos ou outras utilizadas nas práticas escolares, não são simplesmente recursos visuais didáticos para auxiliar a prática docente na fixação de determinado conteúdo ilustrando os conteúdos e tornando as aulas chamativas e prazerosas. Para além disso, elas podem educar, construir ou descontruir pensamentos e imaginações.

À vista disso, ressaltamos a importância de o professor promover reflexões e diálogos em torno das fotografias junto aos estudantes, e assim, movimentá-las da posição de confirmação, ilustração ou exemplificação do conteúdo e viabilizar outras possibilidades a partir delas e das reflexões manifestadas pelos estudantes a partir das próprias vivências em seus lugares.

Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C.; CAVALCANTI, L. S.; CASTELLAR, S. M. V. O estudo do lugar nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Terra Livre**, São Paulo, ano 28, v. 1, n. 38, p. 79-98, 2012.

CAVALCANTI, L.S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia, C&A Alfa Comunicação, 2019.

DESIDÉRIO, R. T. Composições de fotoáfricas: experimentações na educação geográfica. **Revista Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 7-18, 2018.

DESIDÉRIO, R.; TONINI, M. I. Fotografias de África: entre invenções e aventuras. Revista Para Onde!?, Porto Alegre, v. 9, n. 1,86-96, 2018.

HOLLMAN, V. Entre imposibilidades y deseos: la fotografía, un dispositivo para aprehender e imaginar lo espacial. **Punto Sur**, v. 2, p. 48-63, 2020.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, D. **A mente geográfica**. Revista GEOgraphia, Niterói, v.19, n. 40, 36-40, 2017.

OLIVEIRA JUNIOR. W. M. **Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive**: notas sobre linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. [s.n.t]. Disponivel em: http://www.scribd.com/doc/24300221/Fotografias-e-Conhecimentos-Do-Lugar-Onde-Se-Vive. Acesso em: out. de 2021.

OLIVEIRA JR., W. M.; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: **Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, XI**, 2011. Goiânia. Anais... Goiânia, p. 1-9, 2011.

OLIVEIRA JR., W. M.; SOARES, E. S. Fotografias didáticas e Geografia escolar entre evidências e fabulações. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 114-133, 2012.

OLIVEIRA JR., W. M. Fotografias, geografias e escola. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia v. 1, 1-15, 2019.

SIMIELLI, M. E. **Ápis Geografia (1° ano): Ensino Fundamental Anos Iniciais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2017a (Coleção Ápis).

SIMIELLI, M. E. **Ápis Geografia (2º ano): Ensino Fundamental Anos Iniciais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2017b (Coleção Ápis).

TONINI, Ivaine Maria. Notas sobre imagens para ensinar geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 177-191, 2013.

Recebido em 25 de julho de 2022.

Aceito para publicação em 12 de janeiro de 2023.